

GOSTOS DISCUTÍVEIS [Apresentação]

Adenaide Amorim Lima*

Jasson Martins**

Esta edição de número 92 da *Revista Pandora Brasil* visa tematizar, filosoficamente, os gostos. Ao reconhecer a discutibilidade dos gostos, queremos convidar o leitor a adentrar na multiplicidade das reflexões filosóficas em âmbitos diversos desta temática. A ideia principal é discutir o gosto como pressuposto implícito e/ou explícito que está legitimado nas ideias expressas no campo acadêmico e também na vida prática cotidiana.

No campo da filosofia, a expressão “gosto não se discute” é um equívoco. Cabe à filosofia investigar os fundamentos que estão por trás desta pseudo “máxima”, cuja intenção revela certa tendência em interromper, bloquear, impedir ou frear uma discussão sobre o gosto, abortando o germe do diálogo já em seu nascedouro. Neste número, por exemplo, inúmeros gostos são apresentados: o gosto pela revolução, pela arte, pela prosa, pela moral e religião, pela sensibilidade, pela polêmica e pela liberdade.

O fato é que por um bom tempo o sentido da máxima *De gustibus et coloribus non est disputandum*, ou seja, sobre gostos e cores não se discute foi verdadeira, ou relativamente verdadeira – uma vez que o diálogo reflexivo sobre essa temática não era uma prática massificada. No entanto, no campo da estética filosófica, o filósofo Hume iniciou a desconstrução desta máxima quando propôs discutir sobre o gosto no seu clássico texto *Do padrão do gosto*.

Hume, a partir do livro *Dom Quixote de la Mancha*, do autor Miguel de Cervantes, retoma uma imagem paradigmática para expor os elementos dessa discussão. Através da postura pragmática e do veredito empírico narrado por Sancho Pança sobre seus parentes, quando foram chamadas para emitir um juízo sobre a qualidade de um barril de vinho. A

1

* Mestre em educação. Aluna do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: adenaideamorim@gmail.com.

** Mestre em filosofia. Professor do curso de Filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: jassonfilos@gmail.com.

narrativa de Sancho acaba por fundar, na concepção de Hume, um verdadeiro ramo do saber, a fisiologia do gosto, uma livre manifestação sobre o gosto sem a necessidade da legitimação e aprovação dos especialistas e amantes “oficiais” das provas, *a priori*.

Esta postura em relação as escolhas práticas do cotidiano com baixa incidência moral autoriza qualquer indivíduo emitir uma opinião sobre o que é mais corriqueiro, sem a necessidade de se acercar da opinião das autoridades em determinados assuntos. O convite é claro e direto: no campo do sensível é preciso fazer escolhas e, em sendo ou não contraditadas, aguardar que o tempo faça justiça, corroborando ou não as decisões tomadas.

No campo da moral, foram os autores ingleses os primeiros a revelarem que há algo intrínseco entre a escolha e a sensibilidade, o que lhes permitiram o abandono de uma determinada metafísica. No entanto, o exercício contínuo das escolhas morais, assim como das escolhas sensuais, seria capaz de mudar a nossa opinião? O gosto, por sua própria lógica, carrega consigo algo de razoável e capaz de orientar as futuras escolhas? Para descobrir essa virtude do gosto, precisamos discutir sobre ela, discutir sobre as nossas escolhas com mais frequência do que estamos acostumados.

Um dos juízos mais abalizados e diretos sobre o gosto é do o filósofo Nietzsche. No capítulo intitulado “Dos sublimes”, na segunda parte de seu livro *Zarathustra*, ele pergunta e responde: “E me dizeis, amigos, que não se discutem gostos e sabores? Mas toda a vida é discussão sobre gostos e sabores!”. Para este autor, não apenas o sensível, mas a vida, de um modo geral, deve ser passível e deve merecer uma discussão.

Precisamos questionar: hoje em dia discutimos mais do que os nossos antepassados sobre gostos e sabores? Discutimos mais sobre a vida? Incluímos a vida no rol das nossas discussões, ou seja, entre nossos gostos e sabores? Se a resposta for não... precisamos colocar a vida como um gosto ou um saber, urgentemente! Se a resposta for sim... precisamos questionar a natureza dessas discussões, suas bases, bem como as conclusões a que chegamos.

Para Nietzsche, o gosto é muito mais do que algo ligado ao homem de gênio ou ao esteta ideal. Para ele, o gosto é algo triplo. “Gosto: é peso e balança ao mesmo tempo, e aquele que pesa; e coitado do vivente que quisesse viver sem discussão por peso, balança e quem pesa!”. Gosto é

coisa comum e discutível, não é possível fugir a esse embate. A vida não deve ser o lugar a partir do qual julgamos algo, ela deve ser sim, ela mesma, um elemento da discussão – não para os metafísicos – mas para todos os que pensam e escolhem entre gostos e sabores. Afinal, quem está livre de tais escolhas?

A escolha desta temática (Gostos Discutíveis) para este número da revista Pandora e o convite para que jovens autores escrevessem sobre ela, é uma forma de reintegrar esses espaços de discussão. Espaço acadêmico, muito distinto de outros tantos espaços, que ao exigir uma fundamentação na tradição acaba por revelar, o gosto que cada autor cultiva e quais são as suas preferências filosóficas para fundamentar estes gostos.

O texto, para além do que ele transmite, testemunha um certo gosto que cada autor desenvolve no seu trato pessoal com a tradição filosófica. O cuidado de ratificar sua compreensão, através de outras leituras, revela que o estudante é forjado neste encontro franco e direto e não simplesmente na retroalimentação mecânica do que sempre se pensou ou disse sobre o tema.

Cada texto revela a tomada de posição e o compromisso de seu autor no tempo/espaço de sua escrita nesta arena de discussão sobre o gosto ao trazerem para o debate um determinado recorte de suas leituras. Estes autores revelam aos seus potenciais leitores quais os seus gostos, suas inquietações e em que estágio do aprendizado acadêmico cada um se encontra. Certamente, muito mais do que ensinar ou propor algo novo, os autores se revelam, nos seus temas, nos seus textos, seres em devir, abertos, sem dogmatismo.

O dogmático que pretende afirmar que gosto não se discute ou que é irrelevante o retorno à tradição é o equivalente direto do defensor da ortodoxia moral e do *status quo* social. São incapazes de emitir uma opinião, com o mínimo conhecimento de causa, sobre temas e obras importantes. Como responder perguntas simples e diretas como estas: qual a atualidade do *Manifesto comunista*? Qual a importância da arte no processo educativo? Há um padrão do gosto em Hume? O que este autor afirma sobre a religião natural? A moral pode ser ressentida? Como um cego de nascença forma a ideia de figura? O gosto pela polêmica e pela crítica é uma marca da escrita de Voltaire? Há liberdade humana? O que é o mal? A resposta de Agostinho a estas questões é satisfatória?

3

Todas estas são questões podem ser respondidas de um modo rápido e sem interesse. Os autores aqui apresentados não seguem esta via. Outrossim, cada um procura fundamentar a sua inquietação e, neste gesto, expõe as ferramentas com a quais trabalha, revelando o seu universo de leitura e a si mesmos. Não estão preocupados em resolver os problemas, mas justificar um ponto de vista. Esta revista é o espaço que acolhe estes pontos de vistas e os apresenta a outros leitores e interessados na discussão.

Fundamentar a nossa reflexão é uma exigência urgente do nosso tempo. No processo de fundamentação surge questionamentos sobre a ausência de discussão em relação as nossas escolhas e o porque esta ausência conduz a não aceitação da escolha dos outros – no campo social, político, sexual, religioso... etc. Se é verdade que gostos e cores se discute, quem escolhe avalia e, através da avaliação, melhora o seu gosto e se coloca em condição de discutir os demais gostos.

Os editores agradecem a cada um dos autores que colaboraram com o presente número. Agradecimento estendido ao Francisco Josimar Ricardo Xavier, autor da belíssima capa desta edição. Ao Editor-Chefe, Jorge Luis Gutiérrez, registramos o nosso agradecimento por ter acolhido a proposta deste número.

A diagramação desta edição foi definida pelos organizadores. O objetivo foi apresentar os textos de modo atrativo visualmente. Questão de gosto? Sim.

Boa leitura!



Adenaide Amorim Lima

<http://lattes.cnpq.br/6453520714677478>

Jasson Martins

<http://lattes.cnpq.br/4462018626227385>